



Violência verbal nos discursos político e mediático contemporâneos: da dicotomização ao insulto

Verbal violence in contemporary political and media discourses: from dichotomization to insult

Isabel Roboredo Seara

Universidade Aberta e CLUNL, Lisboa / Portugal

Isabel.Seara@uab.pt

<https://orcid.org/0000-0003-2117-5320>

A *Revista Estudos da Linguagem – RELIN* dedica este número à divulgação de estudos resultantes de pesquisas que corresponderam ao repto da chamada de trabalhos sobre o tema da violência verbal nos discursos político e mediático contemporâneos. O número temático desta revista nasceu de um convite que nos foi endereçado pelo Professor Doutor Gustavo Ximenes Cunha, professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG-Brasil) e Editor-chefe da RELIN, periódico vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG.

Les conflits naissent d'une dynamique de plusieurs éléments constitutifs des personnes (la combativité, le désir mimétique d'appropriation, les émotions, les besoins), des groupes (les rôles, les enjeux de pouvoir, les processus cachés) et des systèmes culturels (valeurs, normes, rites, représentations, idéologie). Cette dynamique devient destructive et violente lorsqu'elle conduit à transgresser sans autorisation ni légitimité des limites individuelles (besoins, corps, biens), collectives (règles, lois, responsabilités) ou culturelles (valeurs, normes). (MOÏSE, 2012, p. 30)

Partindo da epígrafe de Claudine Moïse, uma das mais relevantes investigadoras europeias neste domínio da violência verbal (FRACCHIOLLA *et al.*, 2013; MOÏSE, 2012; MOÏSE *et al.*, 2008a, 2008b), percebemos que estamos num campo de estudo vasto que tem despertado o interesse de várias áreas de saber, desde a Psicologia à Antropologia, das Ciências da Linguagem ao Direito, assistindo-se, recentemente, a um progressivo desenvolvimento da interdisciplinaridade face aos fenómenos de violência crescente na comunicação digital.

Os estudos teóricos evidenciam que a violência verbal, em contextos de comunicação interpessoal, institucional, ou mediática, nasce da dificuldade de escuta e compreensão do outro, potenciando a tensão e conflito, instaurando sub-repticiamente rupturas do ponto de vista das rotinas conversacionais e da prossecução da comunicação. Ocorre maioritariamente em contexto de polaridade, de polémica, de adversidade, em que se expõem e contrapõem argumentos que visam denegrir e atacar a face do outro, visto como adversário.

As estratégias ao serviço da agressividade e da violência verbal são inúmeras, e podem ser estudadas a partir de abordagens distintas e complementares: desde a visão léxico-semântica que privilegia o estudo dos marcadores de indiferença, de ruptura, dos insultos, dos qualificadores pejorativos, da linguagem obscena até à abordagem discursivo-pragmática e interacional, em que se descortinam os atos ameaçadores da face, os rituais de humilhação, a ironia demolidora, a retórica da intolerância, estratégias que visam depreciar, estigmatizar ou denegrir o outro.

In fine, o primado da internet e a obsessão compulsiva de publicação nas redes sociais suscita naturalmente um crescendo de fenómenos de violência verbal. Constatando que os meios digitais são os primeiros na difusão das notícias nos sites dos diferentes media, em tempo real, que os blogues são cada vez mais dinâmicos e interativos, facilmente se percebe que a vertiginosa circulação de discursos condiciona e fomenta a possibilidade de gerar interações polémicas, agressivas e conflituosas, ao serviço da cultura de exposição, de espectáculo, das sociedades contemporâneas.

Este número da RELIN integra quinze estudos de pesquisadores de várias nacionalidades, de diferentes universidades, centros de investigação e de pesquisa: da Universidade Federal do Espírito Santo, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, da Universidade Estadual de Campinas, da Universidade de São Paulo, da Universidade

do Estado do Mato Grosso, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e, evidenciando a grande representação do Estado de Minas Gerais, foram apresentados textos de pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais, da Universidade Federal de Ouro Preto, da Universidade Federal de Viçosa e do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais.

Conferindo esta dimensão internacional, deste volume constam ainda trabalhos de duas investigadoras, uma da Universidade de Buenos Aires, e de uma investigadora portuguesa, da Universidade Aberta.

No artigo de abertura da revista, intitulado “A violência verbal em manifestações explícitas de preconceito linguístico no *Facebook*: um espaço discursivo êmico”, **Anderson Ferreira** e **Samine de Almeida Benfica** examinam a violência verbal em comentários produzidos no Facebook, num contexto de discussão sobre preconceito linguístico, partindo de um posicionamento teórico-metodológico que articula as noções de polêmica discursiva, de intercompreensão e de espaço discursivo, bem como a categoria do espaço êmico (BAUMAN, 2001) que, em sintonia, com o título se assume como central na análise efetuada. Para estes autores, cujo trabalho se revela inovador, neste espaço êmico a violência verbal assume-se como uma manifestação discursiva do preconceito e da intolerância, decorrendo de uma consolidação prévia na memória social, cultural e coletiva, ou seja, de um espaço polêmico pré-construído.

Da mesma forma, **Francisco Vieira da Silva**, no estudo “Violência em rede: discursos sobre Greta Thunberg em comentários *on-line*”, analisa um tema de enorme atualidade ao centrar-se sobre os comentários *online* no site *UOL* sobre a ativista sueca Greta Thunberg que alcançou uma relevante projeção internacional pelas posições que assumiu (*Fridays for Future*) e pelo reconhecimento que granjeou, quer como personalidade do ano em 2019 (pela revista *Times*), quer pelo convite para discursar na Conferência das Nações Unidas sobre alterações Climáticas, em 2019, quer, ainda, no Fórum Económico Mundial, em Davos, na Suíça em 2020. A pesquisa que problematiza a irrupção de discursos violentos contra Greta Thunberg é sustentada teoricamente na proposta da arqueologia foucaultiana e analisa comentários insultuosos nesse ‘tribunal da cólera quotidiana’, epíteto com que Freire Filho (2014) caracteriza a internet, evidenciando o caráter violento dominante. Interessante ressaltar deste estudo que nem todo o discurso ofensivo se

corporifica no emprego de expressões injuriosas ou violentas, mas que determinados enunciados de lamentação, como por exemplo, “morro de dó desta menina” espelham posicionamentos de piedade que decorrem da menoridade da ativista, descredibilizando o seu discurso ambiental.

O emprego de palavras ou expressões às quais subjaz essa intenção de agredir o outro e que, segundo Charaudeau (2019), materializam a violência por meio da linguagem verbal, consta do título do trabalho de **Romulo Santana Osthues**, intitulado “‘Você é um *palhaço* mesmo’ – A designação de uma palavra e o seu funcionamento como insulto”. Interessante a similitude com um trabalho, da autoria de duas investigadoras portuguesas, Maria Helena Saianda e Olga Gonçalves, da Universidade de Évora que, num congresso realizado em Lisboa sobre cortesia verbal, apresentaram uma comunicação com o curioso título “V. Ex^a é um trabiqueiro” (SAIANDA; GONÇALVES, 2014), em que analisaram igualmente as formas insultuosas, neste caso, dirigidas ao primeiro-ministro.

No caso presente estudo, o autor parte dos pressupostos teóricos da Semântica do Acontecimento e da Análise do Discurso para apresentar uma leitura do funcionamento discursivo do lexema ‘palhaço’, evidenciando o seu sentido pejorativo numa contenda entre políticos, numa audiência pública na Câmara Municipal, numa cidade do interior paulista. Ao longo do excerto analisado, o autor conclui que se constrói uma argumentação em torno do uso de ‘palhaço’, ‘palhaçada’ e das formulações concomitantes de ‘idiota’ e ‘boboca’ que orientam para a sua interpretação como insulto.

Uma reflexão sobre o uso dos designados ‘novos palavrões’, ou seja, o uso de categorias identitárias de natureza ideológica e política como estratégias de qualificação do interlocutor está na base do texto, da autoria de **Maria do Carmo Leite de Oliveira, Carolina Valente e Rony Ron-REN**, intitulado “Cabo de Guerra Verbal e Moral: um estudo do uso de categorias como ofensa no ambiente virtual”. As autoras centram-se no fenómeno da categorização, privilegiando uma abordagem teórica ambivalente: por um lado, os estudos sobre categorização de pertença e, simultaneamente, os pressupostos da análise conversacional de base etnometodológica. Concluem, a partir da análise de postagens publicadas no jornal digital *AND* sobre ações policiais no Rio de Janeiro e os comentários *online* subsequentes, que o fenómeno da categorização configura um recurso ofensivo, assumindo-se como ferramenta para instaurar e radicalizar o ambiente de polarização ideológica e política.

Numa perspectiva inovadora, sobretudo pela fundamentação teórica em que se sustenta, de cariz marcadamente sociocognitivo, o texto de **Rafahel Jean Parintins Lima** e **Edwiges Maria Morato** “Racismo e violência verbal: a construção textual e sociocognitiva da #SomosTodosMacacos” centra-se na observação minuciosa da relação textual e sociocognitiva entre racismo e violência verbal. Os autores, embora sublinhando que os estudos sobre violência verbal privilegiam contextos nos quais a violência é linguisticamente explicitada, defendem, neste artigo, que esta relação entre linguagem, violência e racismo pode não ser de natureza explícita, implicando uma complexidade ontológica. Esta é explicada por processos sociocognitivos não estritamente verbais como os *frames* que atuam na ativação e na mobilização de conhecimentos e experiências. Os pesquisadores procedem à análise de processos referenciais, intertextuais e dos *frames* do racismo que são mobilizados na *hashtag* #SomosTodosMacacos a fim de demonstrarem que há efetivamente uma violência verbal alicerçada num preconceito étnico-racial.

Qualificativos pejorativos, provocações, ameaças, insultos, atos depreciativos, como podemos testemunhar no rol de artigos constantes deste número, possuem uma dimensão vexatória, de ostracização do outro que espelham, amiúde, jogos de poder, e processos de categorização presentes em interações assimétricas, regidas por relações de autoridade. A citação que inaugura o título do texto “‘Não podem ser negras e gordas’: analisando a violência verbal em reações sociodiscursivas produzidas por leitores/as em contextos jornalísticos brasileiros” e que foi publicada por jornais de Belo Horizonte, corresponde à transcrição de uma notícia de uma empresa que se afirmava contrária à contratação de cuidadoras de idosos “negras e gordas”. Esta forma explícita de exclusão e os comentários que gera estão no cerne da análise de **Maria Carmen Aires Gomes** e de **Alexandra Bitencourt de Carvalho** que, convocam os pressupostos teóricos da Análise Crítica do Discurso, dos significados representacionais e identificacionais para evidenciar que tanto a notícia como as reações sociodiscursivas verbais analisadas concorrem para a discriminação interseccional. Permitam-nos citar uma das frases lapidares que consta da última página do texto e que deve merecer, de cada um de nós, leitores, uma ampla reflexão: “Assim, afirmamos que, mais do que discutir quais as violências verbais que estão presentes na sociedade, o importante é analisar como elas acontecem, como os contextos sociais e discursivos produzem dialeticamente condições para que existam”.

Na senda da constatação de que os discursos de ódio “se encontram em franca ebulição nas esferas públicas contemporâneas”, **Melliandro Mendes Galinari** propõe alguns parâmetros de identificação dos discursos de ódio na sociedade, num texto desafiador que apelidou “Identificando os ‘discursos do ódio’: um olhar retórico-discursivo”. O autor filia-se em correntes como a Análise do Discurso, na senda de Pêcheux, Oralandi e Amossy e nos estudos sobre Retórica e Argumentação para analisar várias práticas discursivas: primeiramente, a prática jurídica *per se*, ou seja, a legislação propriamente dita. Seguidamente, disserta sobre a importância do contexto, sublinhando a importância das circunstâncias de enunciação para a compreensão dos discursos e dos seus impactos. Traça um cenário do contexto brasileiro, apoiado em estatísticas oficiais que comprovam vários tipos gritantes de violência no Brasil, para mostrar que o discurso de ódio é social e coletivo, representando uma arma de classe e um mecanismo de exclusão, para elencar as suas principais características, assim como as condições psicossocioculturais e históricas de produção, exemplificando com *mêmes* de uma página do *Instagram*, detendo-se na objetificação, na exotização e na estigmatização. Aborda sumariamente outras operações discursivas recorrentes nos discursos de ódio, como sejam a calúnia e difamação; a difamação de euforia perante a desgraça alheia; a figuração do mal; o insulto ou a instigação ao insulto; a ridicularização e deslegitimação e os negacionismo, sublinhando que estes discursos de ódio se medem e se identificam pelos efeitos de exclusão, de violência física, de discriminação e pela negação da cidadania em contextos particulares.

Numa perspectiva igualmente discursiva, com enfoque retórico e multimodal, **Laura Cristina Bonnilla-Neira** apresenta um texto, resultado da investigação empreendida sobre slogans, indicações e *hashtags* constantes da convocatória de uma manifestação na Colômbia, intitulado “Tópicos y violencia verbal en la convocatória a la marcha #NoMásDesgobierno en Colombia”. A autora analisa o uso da modalidade argumentativa da polémica como uma estratégia dominante na confrontação estabelecida entre os opositores ao governo e ao Acordo de Paz na Colômbia. Analisando os tópicos e as manifestações de agressividade verbal das mensagens da convocatória da marcha de abril de 2016 através das redes Twitter e Facebook, conclui que estão presentes técnicas de refutação, nomeadamente a argumentação *ad hominem*. Cristina Bonnilla-Neira sustenta a sua análise de slogans e *hashtags* a partir da noção de ‘discurso de protesto’, de Grinshpun 2013,

convocando igualmente as reflexões de Maingueneau que sublinha a capacidade destes enunciados breves permitirem reforçar a coesão de uma coletividade opondo-a a uma ameaça exterior e implicando um *ethos* de compromisso, ao serviço de um discursivo de um coletivo em construção. O enquadramento teórico-metodológico do estudo convoca a proposta de Amossy sobre a Argumentação no Discurso, aliando a uma perspectiva retórico-argumentativa de Perelman e de Olbrecht-Tyteca, aplicando igualmente conceitos da linguística da enunciação de Kerbrat-Orecchioni e de Angenot, bem como os princípios de Kress e van Leeuwen para a análise dos enunciados multimodais.

Ficou comprovada a grande polarização da sociedade colombiana, na medida em que a análise permitiu recensear uma série de tópicos que foram utilizados na convocatória, concluindo a autora que as técnicas argumentativas dominantes na construção do discurso polémico e de confrontação foram os ataques *ad hominem*, a desqualificação do adversário, a paranomásia, o uso reiterado de predicados de processos negativos e a demonização, conduzindo, assim, a uma orientação disfórica e ameaçadora.

No artigo de autoria de **Marilena Inácio de Souza e Roberto Leiser Baronas**, intitulado “Para além do funcionamento argumentativo da polémica anunciada por Paulo Guedes acerca das empregadas domésticas brasileiras”, os autores detêm-se na análise de uma polémica verbal em torno da afirmação do Ministro da Economia, Paulo Guedes, em fevereiro de 2020 sobre a cotação do dólar e o suposto facto de as empregadas domésticas irem à Disney, material de enorme atualidade e com ampla repercussão mediática. O estudo sobre a intervenção polémica e preconceituosa do ministro despoletou uma enorme controvérsia que foi alvo deste trabalho de pesquisa, em que os autores ensaiaram compreender o funcionamento da polémica, marcada pelo dissenso e pelo litígio enunciativo, ancorados nos estudos teóricos amplamente citados de Amossy sobre a polémica verbal, bem como sobre a função das instituições mediáticas e a sua responsabilidade no debate público, perscrutando ainda as formas como os atores ofendidos na polémica reagiram ao comentário do ministro. Os autores complementaram ainda a sua fundamentação teórica convocando os pressupostos teóricos da proposta de uma teoria discursiva de ressignificação de Marie-Anne Paveau que integra a reflexão sobre as respostas às polémicas, nomeadamente as insultuosas que ocorrem nas práticas tecnodiscursivas que circulam na *web* social participativa.

A análise das manifestações dos sujeitos agredidos foi meticulosamente efetuada a partir dos sete critérios propostos por Paveau, evidenciando-se que os sujeitos afetados pronunciam-se, reagem, resistem, comprovando, assim, a importância do interdiscurso, do discurso ‘já dito’, das retomas discursivas e das alusões na gestão dinâmica da polêmica.

Prosseguindo em contexto político, mas desta feita em sede do Parlamento brasileiro, **Joseane Silva Bittencourt** e **Maria da Conceição Fonseca-Silva**, no estudo intitulado “Violência verbal no Parlamento brasileiro: análise discursiva de um insulto e seus efeitos políticos e jurídicos” exploram o funcionamento discursivo de um caso de violência verbal que envolveu dois deputados, em 2014, numa sessão plenária da Câmara dos Deputados, a partir de um corpus discursivo de matérias publicadas sobre o tema em *sites* jornalísticos de meios de comunicação institucionalizados. As autoras perfilham os pressupostos teóricos da Análise do discurso, nomeadamente os conceitos de Pêcheux e convocam, de forma pertinente, estudos sobre o insulto e as relações entre a linguagem e a violência verbal. Concluem que a partir de posições discursivas divergentes foram produzidos efeitos-sentido de agressão verbal e a partir da análise e da identificação dos efeito-sentido jurídicos da denúncia de incitação ao crime, dano moral e injúria, tendo produzido no processo e no julgamento da ação os efeitos-sentido de dano.

Procedendo a uma análise discursiva, mas privilegiando, desta feita, o conceito de ‘responsabilidade enunciativa’, três pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, **Rosângela Alves dos Santos Bernardino**, **Daliane Pereira do Nascimento** e **Raimundo Romão Batista** apresentam um estudo intitulado “Responsabilidade enunciativa e posição ideológica em discursos polarizadores sobre o casamento homoafetivo”. Nele examinam oito comentários inscritos no *Portal de Notícias GI*, no *Facebook*, que tratam de uma notícia sobre o casamento homoafetivo, tendo como respaldo teórico a Análise Textual dos Discursos e os conceitos propostos por Jean-Michel Adam. A partir da análise dos fenômenos de modalização autonímica, explorando especificamente as não-coincidências do dizer enquanto marcas linguísticas de responsabilidade enunciativa, os autores examinaram o gerenciamento de vozes a fim de identificar as vozes que ancoram os discursos polarizadores sobre o casamento homoafetivo, descreveram as estratégias discursivo-textuais e os movimentos de assunção e imputação de pontos de vista para interpretar as posições ideológicas subjacentes.

Saliente-se neste texto a perspectiva ideológica, interacional e dialógica da linguagem que é criteriosamente explanada no ponto 3, ‘Linguagem, ideologia e dialogismo’ e que recupera os conceitos de Volochínov e ainda os escritos bakhtinianos e do Círculo.

A análise evidenciou, como os autores sustentam, “uma espécie de duelo”, em que de um lado há os que se posicionam favoravelmente à notícia e de outro, dicotomicamente, os outros que assumem uma posição radicalmente contrária, sendo significativa, do ponto de vista ideológico, a sustentação e subordinação aos preceitos religiosos.

Com um título curioso que retoma uma expressão idiomática do português europeu, **Marina Silva Ninitas**, no texto intitulado “‘Troca de galhardetes’. Para o estudo da violência verbal na polémica sobre o Acordo Ortográfico em Portugal” procede a um estudo das estratégias linguístico-discursivas dominantes que veiculam a agressividade e violência verbais na polémica, de larga repercussão pública, que se vem travando nos últimos anos sobre a adoção do Acordo Ortográfico.

Ancorando a sua investigação no cruzamento de várias perspetivas teóricas que se complementam, nomeadamente a Pragmática, a Retórica, os estudos sobre Argumentação e alguns conceitos de Linguística Interacional, a autora comprova que o tema é polémico e fraturante na sociedade portuguesa. Após proceder a um minucioso enquadramento sócio-histórico do AO de 1990, a linguista analisa dois textos de reputadas figuras do panorama político português que se posicionam em polos diametralmente opostos. A análise é detalhada, individualizando e explicitando o título e o fecho do texto, recaindo a primazia da análise no corpo dos artigos, em que a autora evidencia a questão do *ethos* de arrogância e de superioridade comum aos dois autores; por seu turno, a autora esclarece as estratégias usadas explicitamente quer na defesa, quer no ataque; e detém-se no poder da argumentação, visível na retoma do ponto de vista do outro e na explicitação rigorosa de argumentos e na axiologia dos termos, mostrando a escolha deliberada a fim de descredibilizar o outro e os seus argumentos. Conclui que, lamentavelmente, na imprensa portuguesa a polémica em torno do Acordo Ortográfico em vez de se fundar em argumentos linguísticos que sustentam a adoção ou a recusa do documento legal, se circunscreve à ofensa, à querela pessoal ou política, à ameaça da face do outro.

Comprovando a tensão, a agressividade, a escalada de conflito, a violência verbal crescente que parece dominar o espaço da internet,

Wilma Maria Pereira investiga as estratégias utilizadas pelos interactantes para a construção das suas interações em meio digital, num texto intitulado “O discurso conflituoso na internet: uma análise discursivo interacionista de comentários em site de notícia”. Centra a sua análise em dois modelos teóricos que se complementam e que se revelam eficazes: o Modelo de Análise Modular do Discurso da Universidade de Genebra, que permite mostrar a organização discursiva dos comentários, concorre para realização de atos impolidos ou descorteses e o Modelo da Impolidez, de J. Culpeper, que, por sua vez, permite elencar quais as estratégias de impolidez que são mobilizadas para esse fim.

A autora analisa comentários recolhidos da imprensa digital, do *site Yahoo Notícias* após a publicação de um texto de Pichonelli que aborda questões relacionados com o contexto político brasileiro no início do ano de 2019, num momento político conturbado e polarizado da sociedade. A análise, que segue com rigor os pressupostos teóricos convocados, e que se apresenta de forma precisa e detalhada, evidencia que os sujeitos que produzem os comentários não usam estratégias de figuração para amenizar o grau ofensivo da interação, mas, ao invés, promovem a ofensa deliberada, acentuando a polarização social já vigente. A autora conclui que há uma tendência para a materialização de ataques verbais à face positiva dos interlocutores, expressos por uso de termos tabu, xingamentos, nomeações impróprias, metáforas ofensivas pejorativas e, concomitantemente, estes atos visam a preservação da imagem positiva de quem os produz.

A efervescência e polarização política no Brasil é indubitavelmente um tema profícuo para múltiplas análises discursivas, concorrendo o estudo de **Mônica Santos de Souza Melo**, “Da polémica aos discursos de ódio: um estudo da recepção no *twitter* sob a perspectiva semiolinguística” para reforçar a sua pertinência. Partindo de um vídeo publicado pelo ex-deputado Jean Wyllys e dos comentários que gerou na rede *twitter*, a pesquisadora procede a uma análise os comentários produzidos pelos internautas. Enquadrada teoricamente na Teoria Semiolinguística do Discurso de Charaudeau, que põe em diálogo com os contributos de Amossy sobre a polémica no discurso e a de Barros sobre discursos intolerantes, a autora, após recensar as características da rede social *twitter* como espaço de debate e de intervenção, procede à análise dos comentários, identificando alguns temas recorrentes, como a associação do outro ao pecado; a demonização do outro; a ridicularização, a partir

dos posicionamentos expressos através de atitudes de concordância e de discordância. Os exemplos convocados, nomeadamente os de rejeição, ilustram, de forma eloquente, o caráter muito ofensivo das intervenções, dominadas por expressões de ódio e por manifestações explícitas de intolerância de gênero, religiosa e política.

A autora comprova, assim, que a interação nesta rede social pode configurar um espaço de discussão, veiculando discursos de ódio, mas simultaneamente pode constituir um espaço de silenciamento e de opressão.

Partindo da constatação de que as batalhas de MC fazem parte da tradição oral e musical da comunidade afro-americana e latina, **Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira** e **Ana Lúcia Tinoco Cabral**, em “Batalhas de MC: um estudo sobre (im)polidez e categorização axiológica à luz da pragmática”, analisam os versos de arremate (*punchlines*) das batalhas de um ponto de vista pragmático, ligado à teoria da (im)polidez linguística, à noção da categorização axiológica, situando-as como rituais de violência e de disputa verbais. Os resultados a que as pesquisadoras chegam demonstram que as *punchlines* são produzidas principalmente por meio do emprego de estratégias de impolidez negativa, denegrindo o oponente e colocando sua reputação e seus argumentos em xeque, bem como de impolidez positiva, particularmente por meio do desprezo ao rival. As autoras também identificaram a ativação de processos de categorização cognitiva axiológica, responsáveis pela formação de uma polarização, em que características algumas vezes difusas, ligadas ao pertencimento à cultura de *hip-hop*, são reafirmadas para atuarem como um modelo idealizado de MC (ou de combatente). Por meio do estudo, elas puderam evidenciar, de forma muito clara e pertinente, que as *punchlines* refletem o ambiente do qual os MCs provêm e que, ao mesmo tempo, os projeta.

Em suma, como o leitor poderá testemunhar, este número da revista RELIN traz à luz artigos de valor inestimável que testemunham como o repto que ousámos lançar foi cumprido e superado. O pluralismo das diferentes abordagens teóricas, a complexidade multissemiótica dos discursos analisados, o rigor das análises empreendidas, a originalidade e atualidade das pesquisas espelham o entusiasmo e a entrega dos que se entregaram a este desiderato.

A todos os que colaboraram, o nosso sentido agradecimento e a nossa abertura e estímulo a que possam continuar a colaborar com a *Revista de Estudos da Linguagem* que é, comprovadamente, uma publicação de excelência no panorama dos estudos linguístico-discursivos em língua portuguesa.

Referências

BAUMAN, Z. *A modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CHARAUDEAU, P. Reflexões para análise da violência verbal. *Desenredo: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, Passo Fundo, v. 15, n. 3, p. 443-476, 2019. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/9916/114114895>. Acesso em: 10 set. 2020.

FRACCHIOLLA, B.; MOÏSE, C.; ROMAIN, C.; AUGER, N. *Violences verbales*. Analyses, enjeux et perspectives. Rennes: Presses Universitaire de Rennes, 2013.

FREIRE FILHO, J. O circuito comunicacional das emoções: a internet como arquivo e tribunal da cólera cotidiana. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 38., 2014, Caxambu. *Anais [...]*. Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2014. p. 1-34.

MOÏSE, C. Argumentation, confrontation et violence verbale fulgurante. *Argumentation et Analyse du Discours*, Tel-Aviv, v. 8, p. 1-17, 2012. DOI: <https://doi.org/10.4000/aad.1260>

MOÏSE, Claudine. *Violence verbale, fulgurances au quotidien*. Montpellier: CRDP de l'Académie de Montpellier, 2012. DVD 2.

MOÏSE, C.; AUGER, N.; FRACCHIOLLA, B.; SCHULTZ-ROMAIN, C. (ed.). *La violence verbale*. Espaces politiques et médiatiques. Paris: L'Harmattan, 2008a. Tome 1. (Coll. Espaces Discursifs).

MOÏSE, C.; AUGER, N.; FRACCHIOLLA, B.; SCHULTZ-ROMAIN, C. (ed.). *La violence verbale. Des perspectives historiques aux expériences éducatives*. Paris: L'Harmattan, 2008b. Tome 2. (Coll. Espaces Discursifs).

SAIANDA, M. H.; GONÇALVES, O. V. Ex^a é um trambiqueiro. In: SEARA, I. R. (org.). *Cortesia: Olhares e re(invenções)*. Lisboa: Chiado Editora, 2014. p. 211-226.